

*Dossiê “Faculdade de Formação de Professores:
50 anos formando formadores”*

MEMORIAL FORMATIVO NA FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - UERJ: uma travessia de professora a formadora de professores

FORMATIVE MEMORIAL AT THE TEACHER TRAINING COLLEGE - UERJ: a journey from teacher to teacher trainer

MEMORIAL FORMATIVO EN LA ESCUELA DE MAGISTERIO - UERJ: Un viaje de profesor a formadora de profesores

Adriana de Freitas Salomão do Nascimento 

Helena Amaral da Fontoura 

RESUMO

O presente texto apresenta a narrativa das experiências de vida e formação de uma egressa da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, articulando-as com a formação inicial e continuada de professores. O relato de experiência traz os processos formativos e as reflexões a partir do curso de Pedagogia e do Mestrado em Educação do PPGedu: Processos Formativos e Desigualdades Sociais. O estudo está ancorado em Josso e Delory-Momberger que difundem a narrativa enquanto metodologia de produção de conhecimento na formação e no desenvolvimento da profissão docente, além de produzir conhecimento de si, constituindo assim uma capacidade fundamental da espécie humana. Esta narrativa evidencia a travessia de formação de uma professora para agora formadora de professores. Além disso, busca evidenciar a importância desta instituição para São Gonçalo e para os municípios adjacentes, possibilitando a ampliação de entrada e permanência no ensino superior.

Palavras-chave: Formação inicial de professores; Formação continuada de Professores; Narrativas; Experiências.

ABSTRACT

The present text presents the narrative of life and training experiences of a graduate from the Teacher Training College of the Rio de Janeiro State University, articulating them with the initial and continuing education of teachers. The experience report brings the formative processes and the reflections from the Pedagogy course and the PPGedu Master in Education: Formative Processes and Social Inequalities. The study is anchored in Josso and Delory-Momberger, who disseminate the

narrative as a methodology of knowledge production in the formation and development of the teaching profession, besides producing knowledge of oneself, thus constituting a fundamental capacity of the human species. This narrative highlights the training journey from teacher to teacher trainer. Moreover, it seeks to highlight the importance of this institution for São Gonçalo and the surrounding municipalities, enabling the expansion of entry and permanence in higher education.

Keywords: *Initial teacher training; Continuing teacher training; Narratives; Experiences.*

RESUMEN

El presente texto presenta la narrativa de experiencias de vida y de formación de una egresada de la Escuela Superior de Formación de Profesores de la Universidad del Estado de Río de Janeiro, articulándolas con la formación inicial y continuada de profesores. El relato de la experiencia trae los procesos formativos y las reflexiones del curso de Pedagogía y de la Maestría en Educación del PPGedu: Procesos Formativos y Desigualdades Sociales. El estudio se ancla en Josso y Delory-Momberger que divulgan la narrativa como metodología de producción de conocimiento en la formación y desarrollo de la profesión docente, además de producir conocimiento de sí misma, constituyendo así una capacidad fundamental de la especie humana. Esta narrativa destaca el trayecto de formación de un profesor hasta convertirse en formador de profesores. Además, busca destacar la importancia de esta institución para São Gonçalo y los municipios de su entorno, posibilitando la ampliación del ingreso y la permanencia en la enseñanza superior.

Palabras clave: *Escuela Universitaria de Magisterio - UERJ; Formación inicial del profesorado; Formación permanente del profesorado; Narrativas; Experiencias.*

Introdução

Este texto é fruto de um recorte da dissertação de Mestrado defendida em 2023 pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Formação de Professores da UERJ e tem como objetivo apresentar as experiências de vida e formação de uma egressa desta instituição, articulando-as com a formação inicial e continuada de professores.

Esse estudo se justifica porque o conhecimento adquirido com as experiências vividas traz fios entrelaçados do nosso cotidiano, ajudando e nos ensinando a construir um novo caminho nos processos formativos enquanto experiência formadora, compreendida por Josso (2009) como o que é produzido

por uma vivência que escolhemos ou aceitamos como fonte de aprendizagem particular ou formação de vida. Isto significa que temos de fazer um trabalho de reflexão sobre o que foi vivenciado e nomear o que foi aprendido, caracterizando-se assim como experiência.

Tais aspectos mencionados acima, são aqueles que compõem uma narrativa, como procedimento de pesquisa-formação, uma vez que seus entrelaçamentos contribuem para o próprio conhecimento em sua relação com a realidade concreta na qual se gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explicá-la e transformá-la.

Diante de uma data especial como o aniversário de 50 anos da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, é pertinente partilhar as experiências vivenciadas nesta que considero uma das melhores universidades de formação de professores do Estado do Rio de Janeiro e do Brasil e que marcou de forma singular meus processos formativos enquanto professora e formadora de professores.

Assim, parto da ideia exposta em Orlandi (1988) de que se pode falar dos outros para falar de si, pode-se falar de si para falar de outros e pode-se falar de si para falar de si.

Escrever sobre a história da escola, falar do seu cotidiano, suas vozes e dos sujeitos que nela estão ou passaram, faz parte da minha construção enquanto professora pesquisadora, compreendendo que “[...] o sujeito é múltiplo porque atravessa e é atravessado por vários discursos, porque não se relaciona mecanicamente com a ordem social da qual faz pares, porque representa vários papéis” (ORLANDI, 1988, p. 11). Isso nos ajuda a compreender porque o sujeito, professora pesquisadora que aqui se coloca ao falar de sua prática, não o faz enunciando somente um eu. Carrega no seu dizer as marcas constitutivas de sua alteridade e de sua multiplicidade como pesquisadora e ouvinte ao que se passa ao redor, com vários questionamentos e inquietudes, que fazem o movimento da pesquisa ser constante.

Por isso a escrita deste texto tem como questão: Quais as recordações-referências na perspectiva da narradora marcaram as trajetórias pessoais e profissionais por ter estudado na Faculdade de Formação de Professores da UERJ?

Minha inserção na FFP-UERJ

A inserção na sala de aula me fez perceber que eu precisava seguir o

curso da jornada, navegar por águas ainda mais densas. Isto se deu em meu encontro com a Faculdade de Formação de Professores da UERJ em 2002, onde fiz minha graduação em Pedagogia, ingressando através do vestibular. Fui a primeira da família a conquistar uma vaga na universidade, um motivo de grande alegria para mim. Comecei então a ter contato com a pesquisa, a entender que o processo de formação de uma professora se faz no coletivo, nos fazimentos das coisas, das experimentações. Compreendi que o processo de formação docente perpassa pela conscientização e reflexão de ordem individual e deve ocorrer dentro de um contexto social, político e econômico (GARCIA E PRYJMA, 2013).

Quando passei para o vestibular da UERJ, para o curso de Pedagogia, lecionava nos turnos da manhã e tarde; precisei deixar o turno da tarde para estudar, foi muito difícil não receber o salário que a turma me proporcionava, pedi para diretora para trabalhar nas minhas aulas vagas na biblioteca, desta forma eu conseguiria pagar o custo com o transporte e os livros, mas não foi permitido, consegui passar algumas vezes pela frente do ônibus com a camisa de Pedagogia e a carteirinha de estudante, mas infelizmente foi proibido, pois não tinha direito como estudante universitária, entre as pipocas e as xerox dos livros, consegui me formar.

Na Faculdade de Formação de Professores UERJ, campus São Gonçalo, tive grandes professores que me ensinaram através da leitura e análise de texto e do cotidiano da escola pública, entre elas posso citar as Professoras Inês Bragança, Gianine Pierro, Helena Fontoura e Jacqueline Moraes. Nas aulas da disciplina de Filosofia da Educação da Professora Inês no primeiro período aprendi a analisar os problemas educacionais no Brasil, com uma consciência crítica e reflexiva, ler “Platão, O Mito da Caverna” e poder encenar a peça em sala de aula, foram marcantes para toda turma. Poder vir para a luz do conhecimento, viver a arte de questionar e pensar além das verdades absolutas que o mundo nos traz, foram algumas das aprendizagens que esta instituição me proporcionou.

Tive a oportunidade na aula da Professora Gianine Pierro em Prática de Ensino I-ES- Séries Iniciais- Didática e Fundamentos, estagiar no Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC). Eu precisava levar outros conhecimentos para os meus alunos e o Museu trouxe essa oportunidade ao participar do Estágio Supervisionado desenvolvido entre maio e novembro de 2005. Ao buscar oferecer uma iniciação na prática arte-educativa em museus a partir das experiências desenvolvidas, convenci a diretora da escola em que trabalhava e fizemos uma excursão para o MAC, proporcionando assim a oportunidade de os alunos saírem da comunidade para o mundo através da arte.

Vivenciando as experiências deste período e atuando no museu, realizei na escola que atuava como professora no município de São Gonçalo/RJ, na

turma da antiga 2ª série, o projeto “Leitura de novos horizontes - integração com a arte”; esse projeto se estendeu para todas as turmas do segundo ano, na escola que era composta de três turmas. Antes das visitas, conversávamos com os alunos sobre como se comportar em um museu, onde se localizava e qual exposição eles iriam visitar.

Levamos uma turma a cada quarta-feira. Com autorização dos responsáveis, alugamos os ônibus e realizamos a aula passeio nos dias 10, 17 e 24 de agosto de 2005, nos quais eles visitaram a exposição “Onde as obras dormem”, e levamos vários tipos de materiais como canetinha, papel, tesoura, cola para eles reproduzirem suas artes. Ver as crianças olhando a Baía de Guanabara, os quadros com os olhinhos brilhando e com interesse em tudo ao seu redor, foi impactante, a prática de estágio transbordou a minha experiência de sala de aula, um movimento de vivenciar a universidade para além dos muros.

Nas aulas de Tópicos Especiais com a Professora Helena Fontoura, participamos do Programa Quem Lê Jornal Sabe Mais, de O GLOBO; logo me interessei em fazer parte, a universidade tinha direito a jornais semanais, eu fiquei responsável em pegar o jornal na Secretaria e distribuir para a turma e adorava quando algum aluno lia e me entregava de volta, desta forma meus alunos na escola tinham mais material de trabalho durante as minhas aulas. Acredito que trabalhar com o jornal colabora para o desenvolvimento de um currículo interdisciplinar, favorece nos conteúdos, ajuda na interpretação, leitura de gráficos, charges, quadrinhos, palavra cruzada, entre outras possibilidades. A Professora Helena nos levou na editora Globo e conhecemos da produção à elaboração de um jornal. Conversamos com os envolvidos no processo, jornalista, cartunista e vislumbramos de perto o trabalho de uma editora.

Em Prática de Ensino II-ES- Séries Iniciais- Didática e Fundamento com a Professora Jacqueline Moraes, conheci o Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira - Cap UERJ, onde as crianças de cinco anos escreviam poesia; fiquei encantada em uma escola pública conseguir esse feito, realmente não acreditava nessa potencialidade e fui estagiar no Cap. No primeiro dia de apresentação com as professoras regentes da instituição, fiz a seguinte pergunta: - Qual metodologia usada para os alunos serem aprovados na UERJ e nas universidades públicas? Obtive uma resposta que guardo até hoje: - “Nós preparamos para a VIDA, e eles escolhem o que fazer com o aprendizado ensinado.” A melhor parte do primeiro dia foi atravessar a Ponte Rio-Niterói com a Professora Gianine, que também estava no Cap nesse dia, até a FFP, e poder ter mais ensinamentos e conselhos de uma professora mais experiente.

Realizei o estágio na sala de leitura prioritariamente e acompanhava os

alunos nas disciplinas obrigatórias. Aprendi na prática a função do diário de bordo, material importante entre as professoras regentes; participei e aprendi como se organiza uma sala de leitura, acompanhei a inclusão de um aluno com deficiência que escrevia com os pés e a adaptação de todo o material escolar, garantindo que ele tivesse qualidade educacional durante as aulas, em um tempo que não se ouvia falar sobre os direitos das pessoas com deficiência nas escolas em São Gonçalo. Durante a aula sobre o Ciclo do Ouro na turma do 5º ano, visitamos uma fazenda de época em Resende-RJ, os alunos tinham tarefas a cumprir neste trabalho de campo e um guia turístico para orientar e tirar as dúvidas. Em relação à Educação Infantil, havia uma organização diferenciada da escola pública municipal, professores com mestrado, doutorado e com horário de planejamento garantido, um modelo de escola a seguir.

A Faculdade de Formação de Professores mudou minha prática pedagógica, fui transformada e enriquecida pelos conhecimentos no curso de Pedagogia, nas formações, congressos e todas as atividades extraescolares oferecidas pela FFP, no trabalho cotidiano na sala de aula.

De professora a formadora de professores

Para iniciar esta narrativa, dialogo com Josso (2010) que afirma que a situação de produção da narrativa exige uma atividade psicossomática em vários níveis, uma vez que pressupõe a narração de si próprio, sob o ângulo da sua formação, por intermédio das recordações-referências, que balizam a duração de uma vida (JOSSO, 2010).

Ainda de acordo com Josso (2010, p. 37):

Falar de recordações-referências é dizer, de imediato, que elas são simbólicas do que o autor compreende como elementos constitutivos da sua formação. A recordação-referência significa, ao mesmo tempo, uma dimensão concreta ou visível, que apela para nossas percepções ou para as imagens sociais, e uma dimensão invisível que apela para nossas emoções, sentimentos, sentido ou valores. A referência-recordação pode ser qualificada de experiência formadora, porque o que foi aprendido (o saber-fazer e os conhecimentos) serve, daí para a frente, quer como referência a numerosíssimas situações do gênero, quer como acontecimento existencial único e decisivo na simbólica orientadora de uma vida.

Desta forma, Josso (2010) indica que as experiências, de que falam as recordações-referências constitutivas das narrativas de formação, contam não o que a vida lhes ensinou, mas o que se aprendeu experencialmente nas circunstâncias da vida.

Em 2012, o município de Maricá aderiu ao Pacto Nacional Pela

Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), Programa do Ministério da Educação entre o Governo Federal, governos estaduais e o Distrito Federal, em consonância com a Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB) nº 9.394 de dezembro de 1996, de acordo com o artigo 62, parágrafo 1º, onde lê-se: A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios, em regime de colaboração, deverão promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais de magistério.

As universidades públicas direcionavam as formações em todo Brasil, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) foi a responsável pelo nosso Estado do Rio de Janeiro. Noventa e dois municípios fluminenses fizeram a adesão do programa, centrados nas políticas educativas e documentos normativos que alicerçavam o programa, em um diálogo entre a Escola Básica e a Universidade, realizando uma reflexão no tocante ao aspecto teórico-metodológico no processo da alfabetização das crianças.

O edital de inscrição para o cargo de Orientador de Estudos no município de Maricá apresentou os seguintes critérios: o/a candidato/a teria que ser professor/a graduado/a e orientador/a pedagógico/a ou educacional concursados e com experiência para desenvolver a função. O processo de ingresso no programa se deu através de prova de títulos e entrevista. Nosso polo de formação acontecia na região litorânea e o município custeava as viagens; assim, as professoras alfabetizadoras que participavam das formações recebiam uma ajuda de custo no valor de R\$ 200,00 (duzentos reais), além de uma bolsa de estudos no valor de R\$750,00 (setecentos e cinquenta reais).

Como Orientadoras de Estudos, tínhamos formações que nos fortaleciam e direcionavam os trabalhos dentro dos municípios, assim como o diálogo entre os profissionais que atuavam nas diferentes instâncias de formação - os coordenadores, supervisores e os Orientadores de outros municípios que participavam do mesmo polo de formação.

O planejamento desenvolvido com os professores durante as formações nos municípios era elaborado contemplando estratégias, materiais didáticos, sugestões de atividades, entre outros aspectos que julgávamos necessários para contribuir para a formação dos professores. Entendo esse espaço como de grande importância entre professoras, Universidade e Escola, assumindo esse novo lugar na prática como formadora de profissão, com uma turma de trinta e cinco professoras, em sua maioria experientes, muitas considerações eram analisadas entre o planejamento previsto e o planejamento vivenciado.

Durante as formações, as discussões dos problemas concretos levantados precisavam ter respostas ou saídas, o grupo me fortalecia transbordando o que

era esperado nas formações, os fios condutores costuravam entre o conhecimento universitário e os saberes docentes.

A pesquisa e o pensamento crítico precisam andar juntos com a prática das escolas, situações concretas que nos tornam professores de profissão. A partir dos estudos de António Nóvoa (2019), em um triângulo em que se encontram as potencialidades transformadoras, entre “Professores de Profissão, Universidade e Escolas redes”, o autor traz que entre três vértices construímos programas de formação de professores.

É neste entrelaçamento que ganha força uma formação profissional, no sentido mais amplo do termo, a formação para uma profissão. A ligação entre a formação e a profissão é central para construir programas coerentes de formação, mas é também central para o prestígio e para renovação da profissão docente (NÓVOA, 2019, p.7).

A formação profissional não acontece apenas com acumulação de saberes, mas com um trabalho reflexivo e ancorado na identidade profissional dos professores, entendendo as três tramas que a compõem: a formação inicial, a indução profissional e a formação continuada; compreendemos que ninguém sozinho consegue evoluir nas suas relações, precisamos de uma rede fortalecida para uma renovação profissional docente.

O meu processo como formadora na profissão docente, através do ambiente educativo, pesquisa e conhecimento, foi se tornando mais sólido como lugar de aprendizagem; aprendi muito durante as formações do PNAIC com as formadoras, fui apresentada a vários autores que ainda não havia lido. Considerando que esses processos são fundamentais para a vida profissional e a organização escolar, levava comigo essas contribuições formativas como Orientadora nas formações e as trocas com as professoras eram sempre prazerosas, mesmo em momento de conflito entre a realidade educacional e as propostas de trabalho. Ao analisar meu percurso, vejo a importância desse programa; sempre acreditei que a única possibilidade de mudar o rumo da minha vida, melhorando-a, seria a educação.

O conhecimento adquirido com as experiências vividas traz fios entrelaçados do nosso cotidiano, ajudando e nos ensinando a construir um novo caminho, nos processos formativos enquanto experiência formadora, compreendida por Josso (2009, p. 137) como a experiência “produzida por uma vivência que escolhemos ou aceitamos como fonte de aprendizagem particular ou formação de vida. Isto significa que temos de fazer um trabalho de reflexão sobre o que foi vivenciado e nomear o que foi aprendido”.

A partir do exposto acima, é concebida uma articulação entre os conceitos de vivência e experiência. Os professores precisam alcançar os conhecimentos

e aprendizados através das experiências profissionais em suas aulas, que proporcionam aos estudantes recursos que eles precisam para viver em sociedade. Vivências, segundo dicionário online de português, é o processo pelo qual uma pessoa passa ao longo da sua existência, uma palavra que vem do latim *viventie*¹¹ está ligada ao “fato de viver, ter vida, existência”. Abrange conhecimento adquirido pela existência em uma ou várias situações de vida profissional.

As vivências e as condições de trabalho sempre eram ouvidas nos trabalhos, corroborando o conceito de Josso (2009) sobre experiência, transformando as oportunidades na formação, analisando as situações vividas, respeitando as histórias de vida e formação de todas; mesmo sendo uma representante da Secretaria de Educação, meu posicionamento era pensar junto em soluções e administrar algumas vezes conflitos existenciais entre o fazer pedagógico e as situações existentes em cada sala de aula representada.

Nessa perspectiva, apoiadas no diálogo e entendendo as professoras como pessoas com saberes diferentes, íamos construindo uma rede potente através das vozes docentes, elaborando ações e estratégias formativas colaborando com o desenvolvimento profissional das participantes.

Desta forma, as formações continuadas passam a ser o ponto de partida para o diálogo e entendimento das situações, das características dos/as alunos/as e das turmas, assim como o funcionamento e a organização da escola. As minhas experiências nos quatro anos de trabalho no PNAIC foram pilares para estabelecer relações de organização, metodologia e didática junto aos professores.

Os estudos com as histórias dos professores nos ajudam a fortalecer a formação continuada, conhecer os professores iniciantes que ainda não ingressaram na vida profissional, saindo direto dos cursos de Magistério Normal, Pedagogia, ou pós-graduação, focalizando seus anseios, suas vivências e as diferenças profissionais.

No terreno da formação de professores, isso implica, segundo Nóvoa, considerar o conhecimento de reflexividade crítica e assumir que “ninguém forma ninguém” e que “a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida” (NÓVOA, 1998, p.116). A esse respeito, diz o autor que no que tange aos processos relacionados à formação de professores, que envolvem muito mais que teoria e precisam ir além dos seus conceitos e experiências

¹ Disponível em: [Vivência - Dicio, Dicionário Online de Português](#). Acesso em 05 mar. 2023.

enraizadas, necessitamos ter uma tomada de consciência, analisar e fundamentar as ações, investigando, refletindo criticamente, nos posicionando a partir do tema de pesquisa.

A educação nos une, nos liberta e emancipa, participar e contribuir com a formação do outro não é só formar alguém, mas fazer parte do processo formativo, entendendo a importância de ouvir as experiências das professoras, reconhecendo seu potencial vivo do chão da escola à universidade, valorizando conhecimentos, práticas e experiências formativas, e com cada grupo novo de trabalho, novas histórias foram entrelaçadas à minha formação.

Neste acolhimento e assessoramento aos professores dos quartos e quintos anos, compreendendo suas potencialidades e necessidades, ouvindo suas narrativas nas primeiras formações, realizei parcerias com a equipe do Fundamental II com os coordenadores de Português, Matemática e Geografia; alguns alicerces dos conteúdos e metodologias aplicados em sala de aula não estavam consolidados por alguns professores e outros não tinham novas estratégias, faltava também conhecimento sobre o município e como abordar as questões que precisam ser realizadas, e essas lacunas traziam conflitos no planejamento e na forma do ensino.

A matemática é uma ciência, que muitas vezes se distancia da realidade do aluno, devido à complexidade de alguns conteúdos que envolvem a matéria, sendo assim trabalhada de forma abstrata, sem o entendimento da realidade. Nas formações, instrumentalizamos os docentes como uso de diversos materiais: jujuba, palito de dente, garrote, varetas (palitos de churrasco), régua, alicate e tesoura para o ensino de Geometria Espacial.

Os sólidos geométricos precisam de uma dimensão a mais para serem construídos, ou seja, são figuras tridimensionais e precisam ser estudados com a prática na realização dos sólidos. Nessa perspectiva as professoras foram provocadas através do lúdico, a buscarem o entrelaçamento com a teoria que estava internalizada, mas não explicada.

O movimento reflexivo, vivenciado pelas professoras, foi além dos materiais experienciados; o desafio era romper com as crenças enraizadas na formação inicial relacionadas aos modos como foi ensinada a matemática. Entendemos que a relação de aprendizagem não está somente no material utilizado, mas sim na relação do aluno com o material e no entendimento do conteúdo trabalhado.

As narrativas durante as formações nos revelam como têm sido ministradas as aulas de matemática e quais eram as formas de ensino em suas salas de aula. Como destaca Nacarato (2010), se não houver rupturas nas crenças dos futuros professores sobre o que seja ensinar matemática e sobre a

natureza do conhecimento matemático escolar, continuaremos formando professores que reproduzirão as práticas vivenciadas como estudantes, perpetuando um ensino tecnicista e sem sentido para os alunos.

Atuamos apoiando as professoras, trazendo o conhecimento didático do conteúdo abordado na rede de ensino, a partir do conhecimento que elas possuíam, solucionando as dúvidas relacionadas por elas, fizemos aulas mais lúdicas, adquirindo mais conhecimento pedagógico, destreza adequada para soluções na prática em sala de aula, abordando problemas de maneira a fortalecer sua autonomia profissional. Mantendo diálogo permanente com os professores e falando de suas práticas em sala de aula, sempre acreditando no protagonismo docente, fomos construindo as pautas formativas com as necessidades explicitadas pelos professores em um constante movimento, reconhecendo esse *espaçotempo* como locus privilegiado da ação-formação-reflexão.

A formação continuada possibilita o desenvolvimento profissional quando há reflexão nas ações e autonomia dos fazeres, passando pela experimentação, inovação e outros modelos de trabalhos pedagógicos. Nas palavras de Nóvoa (2019):

O ciclo do desenvolvimento profissional completa-se com a formação continuada. Face à dimensão dos problemas e aos desafios atuais da educação precisamos, mais do que nunca, reforçar as dimensões coletivas do professorado. A imagem de um professor de pé junto ao quadro negro, dando a sua aula para turma de alunos sentados, talvez a imagem mais marcante do modelo escolar, está a ser substituída pela imagem de vários professores trabalhando em espaços abertos com alunos e grupos de alunos (NÓVOA, 2019, p.10).

Só através de uma pedagogia coletiva e multidisciplinar, fora das caixinhas das disciplinas e das questões pessoais, conseguiremos avançar, no sentido de fortalecimento além das dificuldades encontradas, muitas vezes com falas sobre não haver soluções, com discursos problematizadores e sem olhar as possibilidades, estudos e reflexões sobre outras práticas que podem ser realizadas, enfim, um espaço da formação que nos leve a multiplicar ideias e fazeres, sem aceitar o senso comum como parte imutável do nosso fazer.

No decurso das formações, abrindo novos caminhos com a realidade dos professores que se cruzavam entre todas as escolas da rede de ensino que participavam, tornando práticas consistentes e inovadoras para alguns professores, fomos construindo a mudança, transformando escolas em espaços de potência e de possibilidades; participavam em média cinquenta

professores nas formações, representantes das trinta e cinco escolas que atendiam aos quartos e quintos anos.

Entendemos que o discurso das impossibilidades proferido com frequência e a imagem dos professores ao se verem com muitas deficiências foram mudando nas nossas conversas, ninguém constrói práticas isoladamente, precisa de reflexão a partir da fala do outro, trabalhando em grupo no contexto escolar e nos espaços formativos. No lugar da formação e no da profissão, colhemos bons frutos ultrapassando a meta das Avaliações Externas em 2017, mas entendo que o objetivo do trabalho realizado foi potencializar os professores nos seus fazeres.

A partir da relação que se estabeleceu entre a Secretaria de Educação e as escolas nas formações com os professores, fui convidada em 2019 para liderar o grupo do segundo segmento do fundamental, em uma caminhada difícil devido à complexidade das disciplinas, muitas vezes isoladas, e sem o conhecimento das necessidades educacionais dos anos anteriores, um grupo que funciona na lógica da hora aula com seu tempo muito limitado com os alunos; pensar nesse formato novo de encontros, vivenciando suas necessidades reais e suas práticas pedagógicas, foi desafiador.

Buscamos Josso (1999) para um diálogo sobre investigar nossa formação, as histórias de nossos alunos e as experiências vividas na relação de ensino-aprendizagem.

No campo da educação, além dos trabalhos de pesquisa-formação, observa-se o desenvolvimento, nos currículos e inclusive na formação de professores (as) da rede escolar, de uma sensibilidade para a história do aprendiz e de sua relação com o conhecimento, enquanto as formações contínuas abrem-se ao reconhecimento da experiência (JOSSO, 1999, p.13).

Em função dos estudos de Josso, do ponto de vista metodológico, ao estar com os professores e ouvir suas histórias de vida, a formação foi se modificando; ao conhecer novo grupo de recém-chegados do concurso de 2018, professores iniciantes com titulação universitária, muitos mestres e alguns em doutoramento, moradores dos municípios do Rio de Janeiro, essas implicações trouxeram dificuldades grandes de horário e distância.

No assessoramento nas escolas em visita ao grupo de professores, em um trabalho coletivo construindo práticas pedagógicas diferentes para responder às demandas diárias e unir as disciplinas, ao analisar algumas dificuldades existentes, conversei com o grupo de professores concursados da rede que trabalham em regime de hora extra na Secretaria de Educação e lecionam nas escolas. Então realizamos alguns projetos pertinentes às necessidades apresentadas nas formações.

Promovendo a integração social entre os professores, valorizando seus conhecimentos produzidos centrados no sujeito-aprendiz, mediando a realidade com as necessidades no conhecimento escolar, elaboramos três projetos: Campeonato Municipal de Foguetes (CAMF), Biogeografando e Spelling Bee Challenge, envolvendo toda a comunidade escolar das treze escolas do Fundamental II do município.

Visto esse panorama, o objetivo das formações foi levar os professores a transcenderem a sala de aula, além dos muros das escolas, em uma construção coletiva e interdisciplinar, trabalhando em um processo de ensino-aprendizagem que se dê na prática, no vivido, fazendo com que a produção de conhecimento seja muito mais prazerosa e sólida, gerando assim uma consciência profissional ampliada do seu fazer.

Um movimento de retorno à FFP

Com suporte de meu ensinar e de minha prática pedagógica, sempre estive desejosa em fazer o Mestrado, escrevi muitas vezes os projetos, realizei provas, passei em algumas, fui eliminada de muitas, mas neste percurso de tentativas e erros, meu desejo sempre foi voltar à faculdade que me constituiu como uma melhor profissional.

Em 2019 fiz a inscrição para FFP novamente e falei antes da prova que seria a última vez que pagaria essa inscrição; infelizmente mais uma tentativa frustrada. Entendi que precisava estudar, ler, escrever e melhorar o projeto. Não desisti, minha mãe, família e amigos que sabiam do meu sonho sempre me incentivaram e em 2020 fui aprovada no curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Processos Formativos e Desigualdades Sociais, na Faculdade de Formação de Professores – FFP/UERJ, na linha de pesquisa: Formação de Professores, História, Memória e Práticas Educativas. Foram dezesseis anos longe da sala de aula da FFP, sempre desejosa em voltar sinto que nunca fiquei distante. Mais um sonho realizado e uma parte da luta conquistada.

Minha dissertação se dedicou a ouvir as narrativas de professoras do Município de Maricá, voltando especialmente para a formação continuada das docentes. Prossegui desta maneira não só em meu processo formativo, como também contribuindo para fazer circular vozes de protagonistas que têm sido secundarizadas na produção da história do magistério.

Bragança (2012) destaca que é por meio da reflexão que professores e professoras narram e problematizam sua sócio-história de vida, buscando na

narrativa a recriação do passado e a (re)construção do futuro. Reafirmamos que recorrer às narrativas permite vivenciar a liberdade de criação da vida em movimento em um *continuum* ato de narrar a história.

O objetivo geral da minha pesquisa foi compreender o que dizem as professoras sobre a história da escola, através dos relatos sobre os processos formativos vividos nos encontros do PNAIC. Os objetivos específicos são: identificar os desdobramentos da formação na prática pedagógica a partir dos relatos docentes e analisar as experiências da formação continuada vividas em uma escola municipal de Maricá compartilhada com o Estado.

O estudo de cunho qualitativo, utilizou-se da entrevista narrativa com duas professoras e duas diretoras. Os seguintes critérios me auxiliaram a defini-las como participantes da pesquisa: todas as professoras são concursadas do município lócus da presente pesquisa, vivenciaram, participaram das formações continuadas e lecionam na escola em que a pesquisa foi realizada.

A primeira fase da pesquisa é dedicada à apreciação dos documentos da escola, para localizar a história no tempo e no espaço. A rememoração é cheia de sentimentos, esperança, possibilidades, impossibilidades e transformação, trazendo o passado como presente, na complexidade das questões envolvidas, como um fio condutor.

A fase seguinte traz as conversas presenciais com as professoras e diretoras, dedicada às narrativas orais individuais, trazendo à memória a formação e situações vividas na escola, entendendo que os relatos não podem trazer o passado de volta na sua integridade, mas sim a percepção das colaboradoras da pesquisa.

O último capítulo é dedicado aos relatos escritos e devolvidos aos participantes da pesquisa, que envolvem aspectos subjetivos e pessoais, levando em conta as experiências vividas na prática cotidiana da escola, por meio de uma narrativa que vincule acontecimentos, ações, pessoas, sentimento e ideias para continuidade da vida que pulsa na escola.

Os principais interlocutores que ofereceram a base teórica para reflexão do tema abordado foram: Fontoura (2011), Freire (1997), Josso (2004), Nóvoa (1992), Tardif (2014). Os autores que trabalham nesta linha de pesquisa preocupam-se com esse docente em formação e buscam em seus estudos entender o que têm a dizer sobre suas experiências e o que fazer sobre elas. Produzimos reflexões e conhecimentos com as narrativas das experiências e dos fatos pessoais vividos que foram partilhados pelas colaboradoras da pesquisa. Assim assumimos que pesquisamos com as professoras e não sobre as professoras.

Em uma construção pessoal e permanente, nas interações sociais e no relacionamento com meio pessoal e profissional, entendemos que a formação é um processo contínuo de reflexão assumindo seus fazeres, planejando e revisando suas práticas, refletindo criticamente sobre o fazer em uma condição de inacabamento, assumindo a responsabilidade de mudança através da prática. A formação de professores é um processo contínuo que se inicia antes mesmo do curso Normal ou da graduação, se expande por toda vida profissional, sendo o próprio professor muitas vezes o responsável pela sua qualificação.

Desta forma, procurarei estreitar os elos entre a formação de professores, buscando interfaces interdisciplinares como forma de compreender a docência no decurso da vida profissional, e de contribuir na construção de uma perspectiva de educação que envolva o papel e a importância das narrativas no processo da autoria profissional.

A nossa experiência, segundo Josso (2004), demonstra que é possível articular pesquisa e formação como uma das formas de inovação pedagógica, salientando a concepção das experiências formadoras, no sentido mais amplo e a partir desse movimento de vida e formação.

Fios que continuam em tecitura...

Antes de qualquer premissa, narro sobre algo que está/emerge/é vivo dentro do meu peito, pois me atravessa como mulher negra, oriunda das classes populares, professora das séries iniciais e que se fez e faz pesquisadora. Ao longo de minha carreira docente busquei caminhos para melhorar minha prática pedagógica com leituras, elaboração de projetos, sempre refletindo e me inquietando sobre prática docente, fazendo e refazendo constantemente o meu saber, entendendo que a formação se faz numa intensa reflexão sobre o que é ser docente e a prática em sala de aula, que é atravessada/vivenciada por uma profunda socialização, uma vez que na condição de docentes fomos/estamos alunos, em constante contato com práticas diversas.

Coloquei-me como uma artesã-professora-pesquisadora que busca fio a fio tecer as experiências da formação e da profissão docente, assim assumindo o lugar de uma artesã que tece os fios de muitas relações, que não se prende a documentos minimalistas, mas busca na construção diária as histórias desses sujeitos, entendendo que a dinâmica da escola não está presa apenas aos milhares de formulários e currículos básicos, mas sim e também nos fazimentos que atravessam o cotidiano.

Integrar o corpo discente da FFP durante dois processos formativos

(a graduação e o Mestrado) que me contituíram e que reverberam em mim e na minha profissão me permitiu assumir um lugar de reflexão e ação, visto os movimentos que esta instituição promove no sentido de potencializar a autonomia e a criticidade dos estudantes, afinal a educação não é neutra, como já nos ressaltava Freire (1997), ela é um ato político.

Ao habitar os mais diversos espaços desta instituição, fui entendendo a pesquisa e formação como dimensões permanentes dos professores, que se fazem e se (re)fazem diariamente no cotidiano de seus atos ordinários do ensinar-aprender. Evidencia-se ainda que os estudos com as histórias dos professores nos ajudam a fortalecer não só a formação inicial, mas a formação continuada também, ao conhecer os professores iniciantes que estão na transição de estudantes para professores e assumindo a vida profissional, focalizando seus anseios, suas vivências e as diferenças profissionais.

A Faculdade de Formação de Professores (FFP/UERJ) é um espaço múltiplo e diverso, no qual o diálogo se faz constante e presente, favorecendo assim uma formação sólida para o futuro exercício da profissão docente, afinal é uma universidade que foi criada e pensada para este fim.

Destacamos a importância de uma instituição de ensino superior com 50 anos de existência se manter viva e produtiva em meio ao caos e desmontes públicos que se repetem na história da educação brasileira.

Ademais afirmamos que uma das principais contribuições que a Faculdade de Formação de professores oferece ao município de São Gonçalo e ajeacências é o diálogo universidade-escola básica, que segundo literatura do campo educacional e da formação de professores é ponto essencial para processos de formação emancipatórios, além do fortalecimento e permanência de professores no campo do trabalho. Ao propiciar esta troca de fazeres e saberes, promove a produção e circulação de conhecimentos com sentido e significado, bem como a compreensão da pesquisa como princípio formativo.

REFERÊNCIAS

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal** [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012, 312 p. ISBN: 978-85-7511-469-8. Disponível em <http://books.scielo.org/id/f6qxr/epub/braganca-9788575114698.epub>. Acesso em 08 maio 2023.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano I: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2014.

FONTOURA, Helena Amaral da. Analisando dados qualitativos através da tematização. In: FONTOURA, Helena Amaral da (Org.). **Formação de professores e diversidades culturais**: múltiplos olhares em pesquisa. Niterói: Intertexto, 2011. p. 61-82. (Coleção Educação e Vida Nacional).

JOSSO, Marie Christine. **Experiência de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2002.

JOSSO, Marie Christine. O caminhar para si: uma perspectiva de formação de adultos e de professores. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v.2, n.2, p.136-139, ago. /dez. 2009.

MARCELO, Carlos; PRYJMA, Mariel da Ferreira. Aprendizagem docente e os programas de desenvolvimento profissional. In: PRYJMA, Mariel da Ferreira. (Org.). **Desafios e trajetórias para o desenvolvimento profissional docente**. Curitiba: UTFPR, 2013. p.37-54

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez e Editora da UNICAMP, 1988.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional** /Maurice Tardif. 17.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

Submissão em: 30 jun. 2023.
Aceite em: 03 nov. 2023.

ⁱ Adriana de Freitas Salomão do Nascimento

Professora Assistente na Universidade de Vassouras. Gerente de Ensino do Departamento de Educação da Secretaria Municipal de Maricá. Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Formação de Professores da UERJ (2005). Mestre em Educação pelo PPPedu Processos Formativos e Desigualdades Sociais da FFP/UERJ (2022).

E-mail:

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2097273716934468>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-6396-162X>

ii **Helena Amaral da Fontoura**

Professora Titular aposentada da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Graduada em Pedagogia (PUC-Rio), Mestre em Educação (UERJ) e Doutora em Ciência (ENSPJV/FioCruz), tem Pós-Doutorado em Educação pela Universidade de Barcelona (2007) e pela UFMT (2017). Líder do Grupo de Pesquisa Formação de Professores, Processos e Práticas Pedagógicas (CNPq).

E-mail:

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4270456085309197>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2795-8246>